

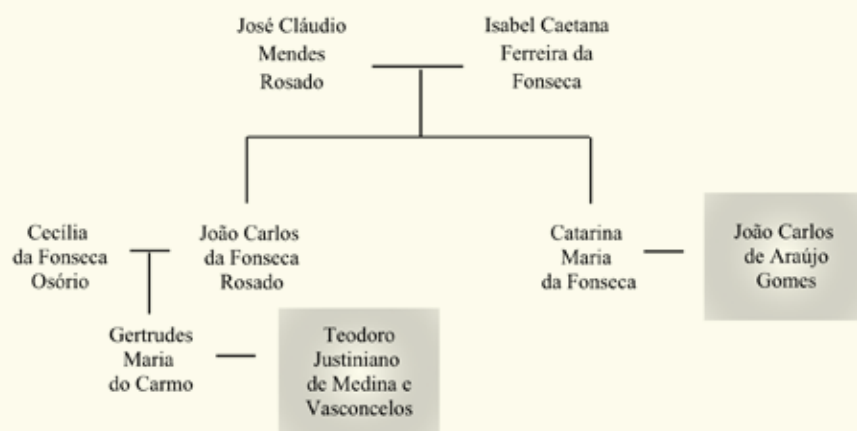
Os Medina e Vasconcelos

A chegada

O capitão de milícias e antigo escrivão estava agora a ser acusado de um crime (nos seus ofícios e nos autos, o ouvidor cognominou-o sempre de «*criminozo*»). Manuel Dias da Cunha Ribeiro desertara do Fogo e em tempo de guerra, o que constituía circunstância agravante. Durante a noite, fugira da ilha sem passaporte, a bordo de um navio estrangeiro, que tinha como destino a Martinica. O ouvidor-geral pronunciou igualmente o sogro, como co-réu, porque, tendo ficado provado que tomara conhecimento dos planos de fuga do genro, os acobertara e facilitara a sua execução. Fora, pois, seu cúmplice. Vejamos, então, em que consistiram os dois crimes, do genro e do sogro. Pela recorrência dos nomes das testemunhas de acusação neste e noutros processos que envolveram João Carlos de Araújo Gomes e pela ausência, também insinuante, de outros notáveis locais, podemos identificar, mais uma vez, a existência de pelo menos duas parcialidades na Vila de São Filipe neste segundo decénio do século XIX. O que uns disseram e o que outros omitiram pode ser, pois, igualmente revelador.

Na madrugada do dia 2 de Novembro de 1817, um brigue norte-americano fundeado no porto de Nossa Senhora levantou ferro em direcção a uma qualquer possessão francesa das Índias Ocidentais. De acordo com os registos dos oficiais alfandegários, apresentados pelo feitor da Fazenda Real – cargo que já se encontrava desligado do de comandante da ilha e de que era titular um sobrinho deste, Teodoro Justiniano de Medina e Vasconcelos (*vd.* Quadro 18) – por solicitação do juiz ouvidor, o navio saíra carregado de gado. Contudo, para além da tripulação, parece que a carga transportada não era apenas de quadrúpedes... Manuel Dias da Cunha Ribeiro seria um passageiro não oficial, viajando clandestinamente, sem passaporte ou, pelo menos, sem passaporte selado. Acusado de deserção em tempo de guerra – guerra com os «*Insurgentes da America Espanholla, que mesmo nestas Ilhas tem feito hostilidades, e prezas Portuguezas*», como referiu o ouvidor-geral –, procedeu-se à instrução do processo, inquirindo-se catorze testemunhas.

Quadro 18 – Relação de parentesco entre João Carlos de Araújo Gomes e Teodoro Justiniano de Medina e Vasconcelos



José Monteiro Rebelo, primeiro inquirido neste processo, afirmou ter-lhe sido primeiro dito por António José Barbosa que Manuel Dias da Cunha Ribeiro fugira no brigue americano. Ouvira-o depois por toda a Vila, em «*murmurio geral*». Interrogado sobre se João Carlos de Araújo Gomes teria passado passaporte a Manuel Dias da Cunha Ribeiro, respondeu não saber, mas ser difícil o fugitivo ter empreendido a sua fuga sem a anuência do comandante da ilha, com quem coabitava, «*comendo a sua mesa, e dormindo debaixo das suas telhas*». Como poderia não ter dado por falta da cama, dos baús e de outros pertences retirados de sua casa? Se até «*trem de chá*» se dizia que Manuel Dias levava consigo... Manuel Dias tinha, pois, procedido pacatamente ao embarque dos seus bens sem temer os guardas militares que faziam a vigia do porto. Na noite da fuga, a guarda devia estar especialmente vigilante, já que na véspera à tarde se tocara a rebate para convocar a tropa, pois se aproximara um navio que parecia armado e se temia fosse de insurgentes da América espanhola. E, no entanto, naquele mesmo dia, ao anoitecer, o comandante tinha feito algo inusual e estranho: mandara recolher a suas casas os que tinham acudido ao rebate, quando o navio suspeito ainda permanecia a meio caminho entre o Fogo e Brava.

Miguel António de Jesus Barbosa, mencionado nos autos como «*pessoa da Nobreza*» da ilha, foi a segunda testemunha ouvida. Afirmou ser voz corrente na Vila que Manuel Dias da Cunha Ribeiro, «*criminozo que andava nas Audiencias desta Ouvidoria*», fugira no navio americano, para o qual vários escravos tinham transportado alguns volumes de bagagem de casa do sogro, onde residia. Afirmara estar persuadido de que fugira com a conivência do comandante da ilha, porquanto era seu hóspede e tinha com ele «*a mais aestreita amisade*».

João Roiz contou que ouvira dizer a José (Marcelino) Nozolini que Manuel Dias lhe tinha confidenciado a sua intenção de fugir para a Jamaica e de ali permanecer por cinco anos, até à substituição do ouvidor da Capitania, «*em razão de estar criminozo*». Ouvira também dizer a alguém que um escravo de Lourenço José Barbosa fora um dos que carregara a bagagem de Manuel Dias. Afirmou desconhecer se este tinha fugido com um passaporte passado pelo sogro, mas considerar «*hum impossível Moral*» que João Carlos de Araújo Gomes ignorasse os seus planos de fuga, «*suppostas as intimas relações de amisade, e parentesco*» entre ambos. Mencionou também ter ouvido a um escravo de Araújo Gomes que fora a este que Manuel Dias encarregara de receber as dívidas de que era credor e de cuidar dos seus escravos e terras durante a sua ausência.

Basílio Gomes Raposo, escrivão do Judicial e da Câmara da ilha, disse que seu pai, António Pires Lomba, saíra muito cedo de casa no dia 2 de Novembro e, quando regressara, lhe comunicara que Manuel Dias da Cunha Ribeiro tinha fugido no navio americano. Tinha-o sabido por Manuel Soares da Costa que, por sua vez, o ouvira aos próprios escravos que tinham conduzido ao brigue a carga do fugitivo. António Pires Lomba confirmou que Manuel Soares lhe contara ter ouvido de dois escravos que tinham ido comprar aguardente a sua casa na madrugada do dia 2 de Novembro – um (Evaristo) de Manuel Dias da Cunha Ribeiro, outro (Manuel) da sogra deste, Catarina Maria da Fonseca –, que vinham de transportar a bagagem de Manuel Dias da Cunha Ribeiro e que este embarcara no brigue americano. Estes factos foram corroborados por Domingos, outro escravo do trânsito.

Basílio Gomes Raposo desconhecia se o comandante havia passado passaporte ao fugitivo, mas se o tinha feito, não fora selado, porque a tê-lo sido, teria de ter passado pelas suas mãos, já que era ele o escrivão do Selo. Estava, todavia, convencido de que fora com o seu consentimento que a fuga se dera, pois não era crível que a todos da «*numeroza familia*» que João Carlos de Araújo Gomes tinha «*das portas para dentro*» escapasse a retirada da mobília e outros bens. Era igualmente muito suspeito que a guarda do porto e a guarda militar com que Araújo Gomes garantia a segurança do seu armazém na praia de Nossa Senhora tivessem sido dispensadas naquela noite, quando havia navios atracados. Aquando da busca ordenada pelo juiz ouvidor à escuna portuguesa ali fundeada, depois da fuga de Manuel Dias, ele, Basílio Gomes Raposo, tinha estranhado a ausência de sentinelas. Disse ainda saber, por ter presenciado, que Manuel Dias «*andava tratando do seu livramento frequentando as Audiencias*» da Ouvidoria «*como siguro*». Parece, pois, que Manuel Dias da Cunha Ribeiro estava a procurar livrar-se de uma espécie de prática cautelar imposta pelo desembargador José Leandro da Silva Sousa.

Sebastião José Barbosa, «*pessoa da Nobreza*» do Fogo, comparecendo a testemunhar, disse que um dos seus filhos, Fidelis José Barbosa, de onze anos, fora a bordo do navio americano, horas antes da partida, acompanhado por Serafim José de Barros, «*sobre carga*» da escuna portuguesa. Era já «*noute crecida*», quando o filho Fidelis vira a lancha do comandante da ilha atracar ao brigue americano, levada a remos por um escravo do comandante. Porém, estando escuro, Fidelis não descortinara o tipo de carga embarcada no navio, até porque este estava cheio de palha destinada ao gado que transportaria. Sebastião José Barbosa referiu ainda ser voz geral que um dos escravos de Catarina Maria da Fonseca tinha participado no transporte da carga.

Havia ainda outra prova da colaboração da família de Araújo Gomes na fuga de Manuel Dias da Cunha Ribeiro. Teodoro Justiniano de Medina e Vasconcelos tinha-lhe relatado um episódio a que assistira em casa do comandante da ilha, alguns dias antes da fuga, que era muito comprometedor. Catarina Maria da Fonseca, mulher do comandante da ilha e sogra do fugitivo, tendo ao colo o neto,

comentou que não sabia como seria quando o pai se fosse, pois o bebé só se acalmava quando ele lhe pegava ao colo. Estando, pois, Catarina ao corrente da próxima viagem do genro, não era plausível que o marido a desconhecesse. Este bebé era João de Araújo Ribeiro, filho de Manuel e Ana Máxima de Araújo. O menino, que tinha sido baptizado em casa «*por necessidade*» alguns meses antes, em 24 de Junho de 1817, e de quem tinham sido padrinhos de baptismo os avós maternos – João Carlos de Araújo Gomes e Catarina Maria da Fonseca¹ –, conseguira sobreviver aos seus problemas de saúde.

O tenente de milícias Duarte Gomes de Leão também revelou ao ouvidor que considerava Araújo Gomes «*sabedor, e contentidor*» da fuga de Manuel Dias. O facto de ter mandado tocar a rebate ao meio-dia da véspera da fuga, por se temer que o navio avistado fosse de corsários dos insurgentes americanos, e de, pela hora do crepúsculo, ter dado ordens para «*dissolver o rebate*», quando o mesmo navio se encontrava ainda perto da ilha, a uma distância que lhe permitiria chegar ao porto durante a noite e desembarcar os homens que entendesse, era prova de que pretendia proteger a fuga do genro, ainda que à custa da segurança dos seus administrados.

António Rodrigues Pereira estava igualmente convencido de que a fuga fora perpetrada com o conhecimento e a aquiescência do comandante da ilha. O que mais o fazia crer nisso era a conversa tida à janela pela mulher e uma das filhas de João Carlos de Araújo Gomes, conversa que fora escutada por Teodoro Justiniano de Medina e Vasconcelos², que posteriormente lha relatara. Dizia uma das duas mulheres ao bebé que tinha ao colo (João de Araújo Ribeiro), apontando o navio americano fundeado no porto: «*Lá vai o papá naquele Navio*» (que tristes terão sido aqueles dias que antecederam a fuga de Manuel Dias da Cunha Ribeiro! Manuel ia partir, separando-se, sa-

1 Assento de baptismo de João, filho de Manuel Dias da Cunha Ribeiro e Ana Máxima de Araújo, 23 de Fevereiro de 1817. AHNCV-Registos Paroquiais, cx. 2, pç. 3 – Assentos de baptismo da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, ilha do Fogo (4 de Setembro de 1814-14 de Fevereiro de 1827), fls. 17v-18, assento 155.

2 Tendo sido citado por mais do que uma testemunha, porque não teria sido Teodoro Justiniano notificado pelo juiz ouvidor para depor, quando outros, citados apenas uma vez, o foram?

bia-se lá por quanto tempo, da jovem mulher e do filho bebé!). Ora, coabitando todos, como poderiam a sogra e uma cunhada de Manuel omitir a João Carlos a fuga iminente? O capitão de milícias José Monteiro de Macedo corroborou a inverosimilhança do desconhecimento por parte do comandante da ilha da fuga do genro Manuel Dias da Cunha Ribeiro, sobretudo pela íntima amizade que nutriam um pelo outro. Tinham sido muito poucas as vezes que, indo a casa de João Carlos de Araújo Gomes, não o encontrara no quarto do genro. Como poderia este omitir-lhe que ia fugir?!